



## ***Automedicação: impactos no tratamento médico e diagnóstico da doença***

Alisson Sherman Pereira Lima <sup>1</sup>, Bruna do Amaral Noronha de Figueiredo Gomes <sup>1</sup>, Laécio de Souza Lisboa Filho <sup>1</sup>, Marcelle Amaral Rodrigues de Oliveira <sup>1</sup>, Sarah Lins e Silva Barbosa <sup>1</sup>, Manuela Barbosa Rodrigues de Souza <sup>1</sup>

### ARTIGO ORIGINAL

#### **RESUMO**

Este artigo tem por objetivo analisar o perfil de uma amostra da população na região metropolitana do Recife que praticam a automedicação e identificar os riscos imediatos e futuros trazidos pela automedicação. A presente pesquisa de opinião pública foi realizada com participantes não identificáveis por meio da aplicação do questionário online gerado mediante a utilização da ferramenta Formulários Google. Conclui-se que automedicação é extremamente comum na região metropolitana do Recife aliado a grande presença da internet neste hábito, em que a maioria dos participantes ativamente procuram instruções sobre o uso dos medicamentos e, apesar de terem acesso virtual aos riscos e prejuízos da automedicação, ainda insistem nessa prática.

**Palavras-chave:** Automedicação, Internet, Fármacos, Erros de medicação, Riscos imediatos, Riscos futuros, Tratamento medicamentoso.

# Self-Medication: Impacts on medical treatment and illness diagnosis

## ABSTRACT

This article aims to analyze the profile of a sample of the population in the metropolitan region of Recife who practice self-medication and identify the immediate and future risks brought by self-medication. This public opinion survey was carried out with non-identifiable participants through the application of the online questionnaire generated using the Google Forms tool. It is concluded that self-medication is extremely common in the metropolitan region of Recife combined with the large presence of the internet in this habit, in which the majority of participating participants seek instructions on the use of medications and, despite having virtual access to the risks and harms of self-medication, still insist on this practice.

**Keywords:** Self-medication, Internet, Drugs, Medication errors, Immediate risks, Future risks, Drug treatment.

**Instituição afiliada** – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP<sup>1</sup>

**Dados da publicação:** Artigo recebido em 19 de Novembro e publicado em 29 de Dezembro de 2023.

**DOI:** <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n5p6564-6582>

**Autor correspondente:** Laécio de Souza Lisboa Filho [laeciolisboafilho@gmail.com](mailto:laeciolisboafilho@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



## **INTRODUÇÃO**

A automedicação é definida pela iniciativa de um indivíduo em obter e utilizar substâncias de ação medicamentosa, que acredita que lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas, sem o aconselhamento e/ou orientação de um profissional de saúde qualificado (PAULO & ZANINI, 1988, OMS, 2005). Essa prática é caracterizada quando o indivíduo decide utilizar medicamentos de sua escolha, ou por indicação de outra pessoa não habilitada no âmbito da saúde, como amigos, familiares ou vizinhos. Entretanto, sem possuir as competências necessárias para reconhecer a gravidade da patologia e o tratamento mais adequado para seu caso (SIMÕES & FARACHE, 1988).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação em certos níveis pode ser considerada aceitável, se ocorrendo de forma responsável. Além disso, a OMS, prediz que o sistema público de saúde pode se beneficiar desse certo nível de automedicação, tendo em vista a lotação da população na atenção primária à saúde (OMS, 2005). Exemplos, como dores de cabeça, que muitas vezes não resultam de patologias, mas sim resultantes de situações de estresse, cólicas menstruais ou abdominais, podem ser aliviadas de forma temporária com medicamentos que contém uma menor potência (BRASS, 2001).

Ademais, os riscos e consequências da automedicação e do uso indiscriminado de medicamentos, podem levar ao auto diagnóstico incorreto, erros comuns na posologia do medicamento, combinações medicamentos perigosas que podem provocar outros tipos de doença ou dependência e abuso. Além disso, o uso prolongado de antibióticos pode promover resistência a patógenos e uma consequente ineficácia de tratamentos futuros. Segundo a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (Abifarma), todo ano, cerca de 20 mil pessoas morrem no país, vítimas da automedicação (HAAK, 1988, VILLARINO *et al.*, 1997, CASA GRANDE *et al.*, 2004).

O uso inapropriado de antibióticos é a principal fonte de desenvolvimento de resistência a esse tipo de medicamento em micro-organismos. Além de provocar uma possível seleção da microbiota mais resistente. A automedicação representa um perigo para as vantagens dos antibióticos, pois resulta em ônus financeiro para os países de

baixa e média renda, falhas de gerenciamento, evolução de sorotipos bacterianos resistentes a antibióticos e maior risco de contaminação da população em geral (SACHDEV *et al.*, 2022).

A conscientização acerca dos perigos da automedicação é de extrema importância para a manutenção da saúde da população, pois seu uso indiscriminado pode trazer efeitos colaterais importantes, causar resistência de micro-organismos e, até mesmo, causar o efeito contrário àquele que era objetivado. Nesse contexto, o presente estudo tem como finalidade avaliar o nível de informação da população da Região do Recife acerca dos perigos da automedicação.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa de opinião pública foi realizada com participantes não identificáveis por meio da aplicação do questionário online gerado mediante a utilização da ferramenta Formulários Google, o qual foi divulgado nos aplicativos das redes sociais, a exemplo do Instagram e do WhatsApp, pelos autores da pesquisa nos meses de março e abril de 2023 através do link: <[https://docs.google.com/forms/d/13K\\_Ixz5QAmz9e2jXwe7Tnk02HNb8qcWnwLOd--LNoqc/prefill](https://docs.google.com/forms/d/13K_Ixz5QAmz9e2jXwe7Tnk02HNb8qcWnwLOd--LNoqc/prefill)>. A população de interesse foi composta por indivíduos não identificáveis de ambos os sexos com idade superior a 18 anos que responderam voluntariamente ao questionário.

O questionário foi pensado de forma estruturada, a fim de demonstrar a grande incidência de indivíduos que se automedicam, contendo: 1 pergunta sobre o sexo do participante (masculino ou feminino); 1 pergunta acerca da sua faixa etária (18-30 anos; 31-60; acima de 60); 7 perguntas de múltipla escolha com 2 opções (sim ou não); 1 pergunta referente à classe farmacológica utilizada pelo participante (analgésico; anti-inflamatório; antibiótico; outros). No que tange à análise estatística, os dados foram processados e interpretados com auxílio da própria ferramenta Formulários Google,



através da construção de gráficos e tabelas apresentando a porcentagem relativa às respostas dos participantes.

Por ser caracterizada como uma pesquisa de opinião pública, dispensou-se a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), bem como a aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme a resolução nº 510/2016 de Ética na Pesquisa (BRASIL, 2016).

[...]Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP: I – pesquisa de opinião pública com participantes não identificados; II – pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011; III – pesquisa que utilize informações de domínio público; IV - pesquisa censitária; V - pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual; e VI - pesquisa realizada exclusivamente com textos científicos para revisão da literatura científica; VII - pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito; e VIII – atividade realizada com o intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização. (BRASIL, 2016).

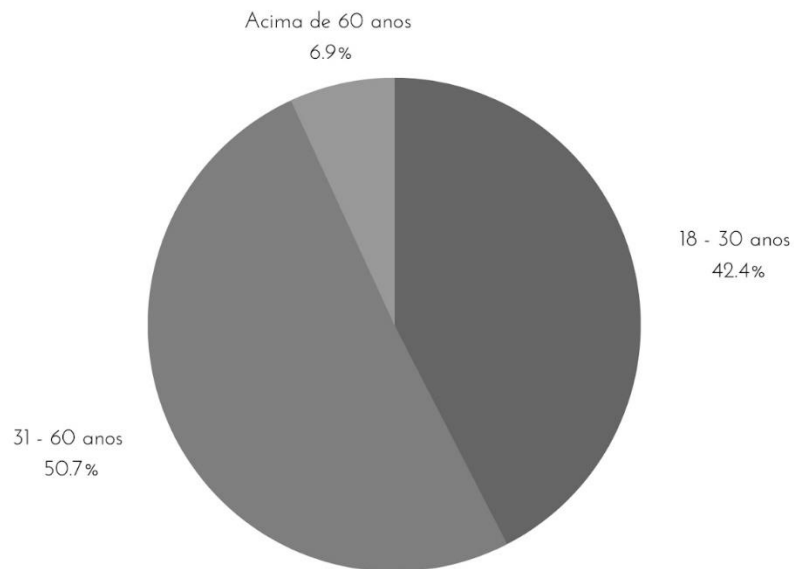
Respeitando o método da pesquisa de opinião pública, os participantes não foram identificados pelo nome, e-mail ou endereço de residência, sendo coletadas informações pessoais apenas em relação à idade e ao sexo do indivíduo.

## **RESULTADOS**

A quantidade de pessoas que responderam voluntariamente foram 363 pessoas das quais 152 (41,9%) são do sexo masculino e 211 (58,1%) são do sexo feminino.

Em relação a idade, 154 (42,4%) dos entrevistados estão entre 18 e 30 anos, 184 (50,7%) entre 31 e 60 anos e 25 (6,9%) acima dos 60 anos (Gráfico 1).

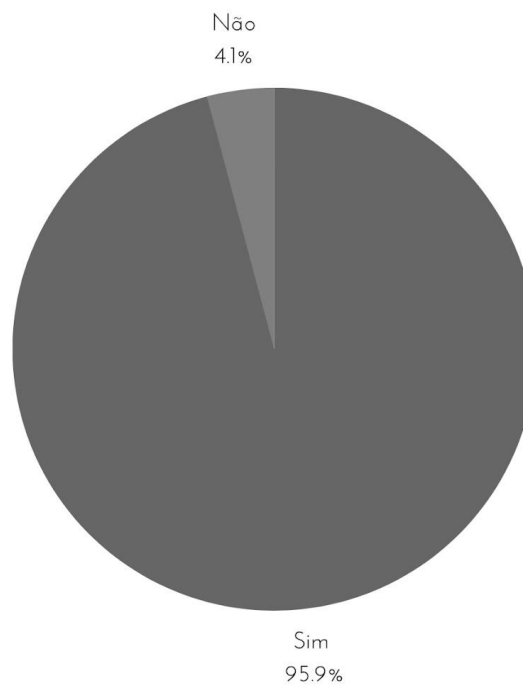
**Gráfico 1** - Idade dos indivíduos entrevistados.



**Fonte:** Autores, 2023.

A primeira pergunta do questionário (Apêndice 1) sobre a prática automedicação, 348 (95,9%) indivíduos se automedicam e 15 (4,1) não (Gráfico 2).

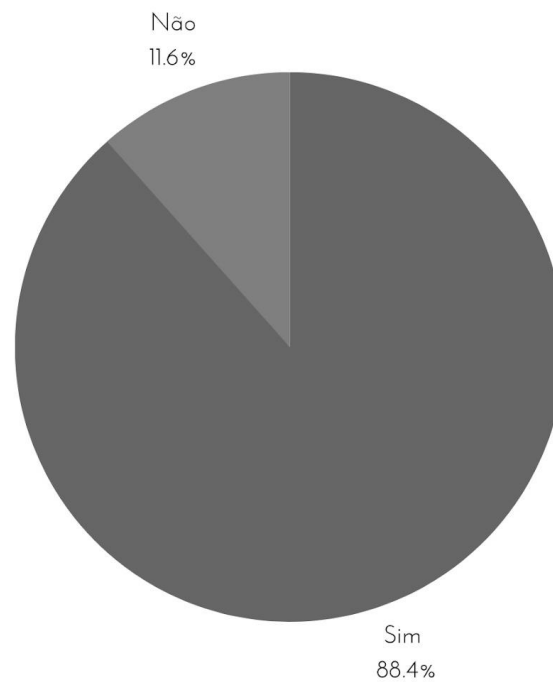
**Gráfico 2** - Indivíduos que praticam ou não a automedicação.



**Fonte:** Autores, 2023.

A segunda pergunta questiona se os indivíduos já pesquisaram na internet a respeito de algum medicamento e seus possíveis efeitos adversos, (Apêndice 1), 321 (88,4%) participantes responderam que sim e 42 (11,6%) não (Gráfico 3).

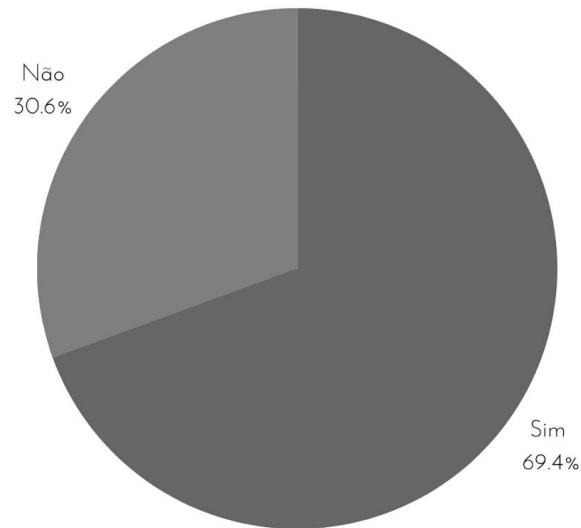
**Gráfico 3** - Indivíduos que já pesquisaram na internet a respeito de algum medicamento e seus possíveis efeitos adversos.



**Fonte:** Autores, 2023.

A terceira resposta sobre os malefícios da automedicação (Apêndice 1), 252 (69,42%) procuram os malefícios de se automedicar em detrimento 111 (30,57%) que não pesquisam (Gráfico 4).

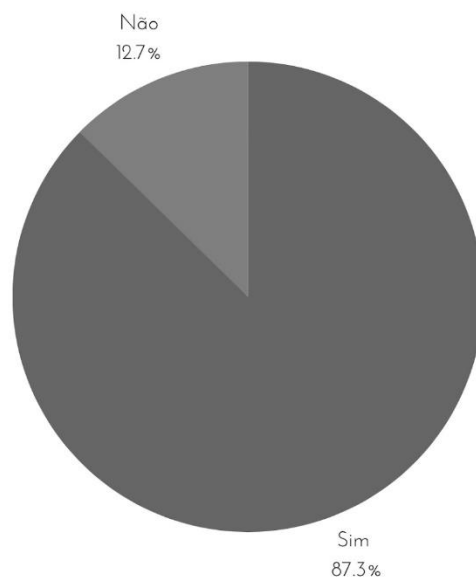
**Gráfico 4** - Indivíduos que pesquisam ou não os malefícios da automedicação.



**Fonte:** Autores, 2023.

A quarta pergunta (Apêndice 1) questiona se os entrevistados, além dos medicamentos, já realizaram a busca dos sintomas na internet, 317 (87,32%) indivíduos procuram enquanto 46 (12,67), não (Gráfico 5).

**Gráfico 5** - Indivíduos que além dos medicamentos, já pesquisaram ou não os sintomas na internet.

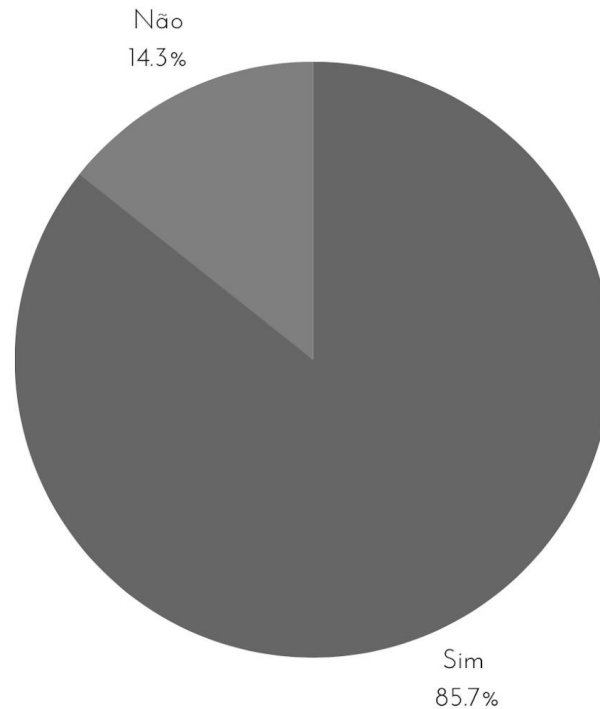




**Fonte:** Autores, 2023.

A quinta pergunta (Apêndice 1) indaga se os entrevistados já se automedicaram por influência de um amigo(a), vizinho(a), ou parente próximo, cerca de 311 indivíduos responderam “Sim” (85,7%), e 52 “Não” (14,3%) (Gráfico 6).

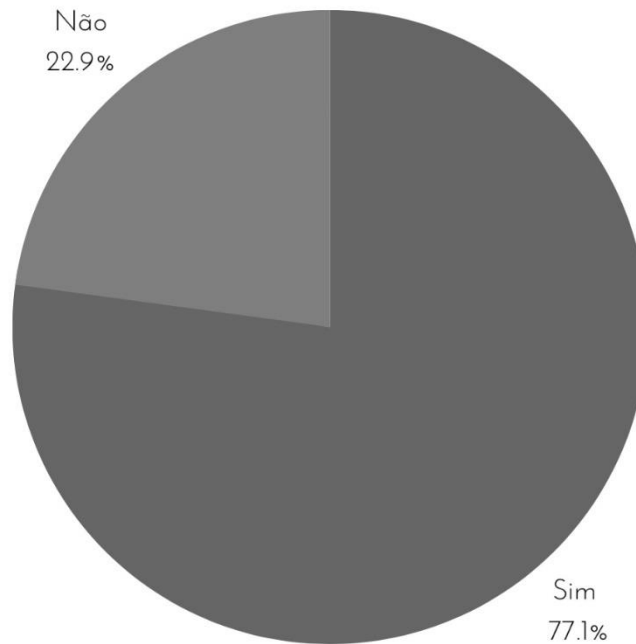
**Gráfico 6** - Indivíduos que já realizaram ou não a automedicação por influência de amigos, vizinhos ou parentes próximos.



**Fonte:** Autores, 2023.

A sexta pergunta (Apêndice 1) questiona se os entrevistados já indicaram medicamentos para alguém, 280 (77,10%) indivíduos responderam que já realizaram a indicação e 83 (22,90%) indivíduos não indicam (Gráfico 7).

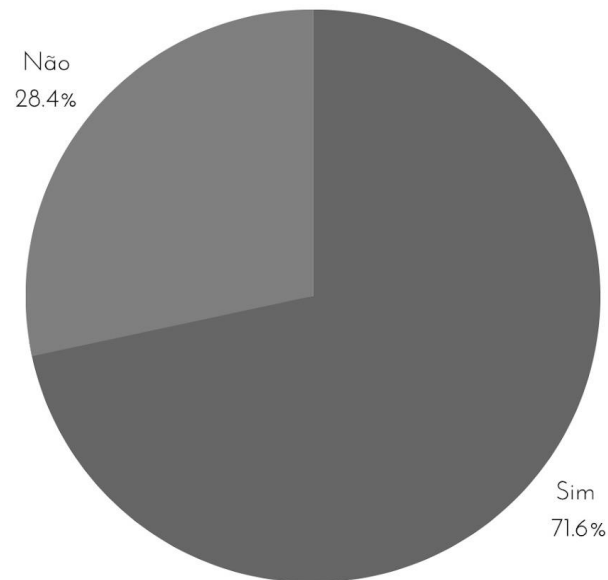
**Gráfico 7** - Indivíduos que realizam ou não a indicação de medicamentos.



**Fonte:** Autores, 2023.

De acordo com a sétima pergunta (Apêndice 1), 260 (1,60%) indivíduos fazem estoque de medicamentos em casa, e 103 (28,40%) indivíduos não realizam (Gráfico 8).

**Gráfico 8** - Indivíduos que realizam ou não o estoque de medicamentos em casa.



**Fonte:** Autores, 2023.

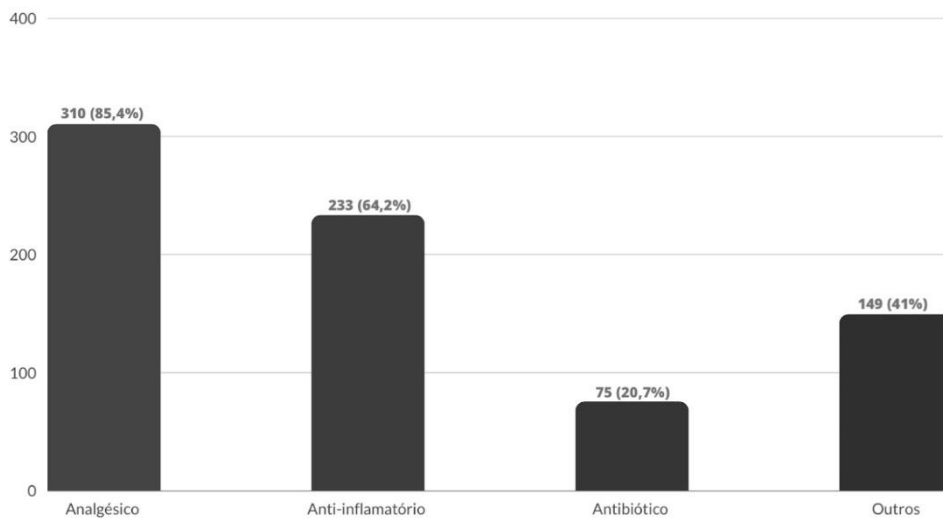
A oitava pergunta de múltipla escolha (Apêndice 1) questionou acerca da classe farmacológica mais estocada que foi respondida com: Analgésico; Anti-inflamatório, Antibiótico e Outros.

Entre o grupo que selecionou os 4 itens (Analgésico, Anti-inflamatório, Antibiótico e Outros) foram 29 respostas, o que estoca 3 grupos farmacológicos (Analgésico, Anti-inflamatório, Antibiótico) foram 32 pessoas, o que guarda 3 grupos farmacológicos (Analgésico, Anti-inflamatório e Outros) foram 60 respostas e 2 pessoas com Analgésico, Antibiótico e Outros. Em relação aos que selecionaram 2 classes, temos 91 respostas com Analgésicos e Anti-inflamatório, 25 respostas com Analgésico e Outros, 4 respostas com Anti-inflamatório e Antibiótico, 4 respostas com Anti-inflamatório e Outros. Quanto às relativas apenas a uma classe farmacológica, 66 respostas com analgésico, 13 respostas com Anti-inflamatório, 3 respostas com Antibióticos e 29 respostas com Outros.

Sendo assim, de forma geral, os medicamentos mais estocados em casa seguindo as respostas dos entrevistados são analgésicos com 310 (85,4%) seleções, anti-

inflamatórios com 233 (64,2%) seleções, antibióticos com 75 (20,7%) seleções e outros tipos de medicamento com 149 (41%) seleções (Gráfico 9).

**Gráfico 9** - Classes farmacológicas mais estocadas em casa.



**Fonte:** Autores, 2023.

## DISCUSSÃO

Os medicamentos ocupam uma função importante nos sistemas sanitários, pois salvam vidas e melhoram a saúde de diversas pessoas (MARIN *et al*, 2003). Embora o medicamento seja o recurso terapêutico com melhor relação custo - efetividade, o uso inadequado torna-se um importante problema de saúde pública mundial com grandes consequências econômicas e sanitárias.

Fatores econômicos, políticos e culturais têm contribuído para o crescimento e a difusão da automedicação no mundo, tornando-a um problema de saúde pública. Maior disponibilidade de produtos no mercado gera maior familiaridade do usuário leigo com os medicamentos (FILHO *et al.*, 2002). Os resultados do presente estudo

evidenciam essa crescente automedicação entre a população devido à facilidade de acesso a medicamentos e a ampla consulta de sintomas pela internet como um fator contribuinte.

A prática da automedicação tende a somente mascarar a sintomatologia da , enfermidade, e inclusive viabilizar a contaminação cruzada entre indivíduos pelo uso compartilhado de colírio e gotas nasais – os quais deveriam ser de uso individual – entre os entes saudáveis e infectados (ARRAIS, *et al.*, 1997).

Ademais, estudos apontam grande número de intoxicações (BORTOLETTO, BOCHNER, 1999; MATOS; ROSENFELD; BORTOLETTO, 2002), a baixa resolutividade dos tratamentos (VILLA *et al.*, 2008), o uso abusivo (RAYMUNDO *et al.*, 2003) e a necessidade de tratamentos mais complexos como consequência dessa prática, com um aumento nos custos correspondentes.

Foi identificado que a maior parte dos participantes desta pesquisa fazem estoque de medicamentos em casa, sobretudo analgésicos e anti-inflamatórios. Isso decorre pelo fato de que, geralmente, essas medicações não requerem prescrição médica. Apesar de não causarem grandes implicações na seleção de bactérias resistentes como visto nos antibióticos, é importante reconhecer os possíveis efeitos adversos que o uso abusivo pode trazer, tais como: reações alérgicas, dependências, intoxicações e efeitos colaterais inesperados.

O acúmulo de medicamentos nas residências, constituindo por vezes um verdadeiro arsenal terapêutico, é também fator importante (FERREIRA *et al.*, 2005). Além de favorecer a prática da automedicação, a falta de cuidados com a farmácia caseira pode afetar a eficiência e a segurança no uso de tais fármacos. Exemplos relevantes dessa situação seriam a ingestão acidental dos medicamentos pelas crianças e possíveis intoxicações, bem como a perda da eficiência do medicamento pelo mau armazenamento ou vencimento (ZAMUNER, 2006).

No estudo, percebeu-se que grande parte das pessoas se automedicam por influência de amigos, vizinhos ou parentes próximos. Tal situação demonstra a facilidade de troca de informações e da automedicação mesmo sem prescrição médica, negligenciando um tratamento médico mais específico e correto (ARRAIS, *et al.*, 1997).

O amplo uso de medicamentos sem orientação médica, quase sempre acompanhado do desconhecimento dos malefícios que pode causar, é apontado como

uma das causas destes constituírem o principal agente tóxico responsável pelas intoxicações humanas registradas no país (LESSA, *et al.*, 2008).

Dessa forma, é importante reconhecer que os possíveis efeitos adversos e os malefícios da automedicação representam uma grande dificuldade enfrentada pela saúde no âmbito mundial. Dados alarmantes publicados pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), demonstram que os medicamentos ocupam a primeira posição entre os três principais agentes causadores de intoxicações em seres humanos desde 1996, sendo que em 1999 foram responsáveis por 28,3% dos casos registrados (SINITOX, 2000).

A prescrição de fármacos de venda livre sugerida por indivíduos sem expertise médica, como farmacêuticos e balconistas de farmácias, é crime, tendo em vista que apenas o profissional médico tem autonomia para sugerir posologias e princípios ativos (LEFÈVRE, *et al.*, 1993). Fora a prática antiética de possibilitar substâncias nocivas ao consumidor, desmerece a profissionalização do médico, visto que o consumo indiscriminado de antibióticos favorece à resistência bacteriana.

O uso indiscriminado de medicamentos ocorre especialmente no sexo feminino devido às propagandas apelarem para o papel cuidador das mulheres (ARRAIS, *et al.*, 1997), relacionado ao lado da maternidade. Esse panorama publicitário ratifica o presente artigo, no qual a maior parte dos respondentes foi o público feminino. Isso ocorre pela indústria cultural encabeçar os insumos da farmacêutica com seus apelos sutis que evocam o consumo de medicamentos inserindo no final da propaganda a frase "persistindo os sintomas um médico deve ser consultado", como se tal fato isentasse e anulasse qualquer efeito colateral e malefício (MUSIAL, D.; DUTRA, J.; BECKER, T. *et al.*, 2007), alimentando ainda mais o mito de uma possível cura repentina pela inserção de fármacos imprescritos sem associar a melhora do quadro clínico com um estilo de vida sadio. Como a automedicação é um hábito permanente, a população deve se conscientizar que os medicamentos de venda livre também possuem efeitos adversos e trazem malefícios se utilizados sem orientação médica.

De modo geral, soluções são propostas para reverter ou minimizar este quadro de uso irracional, e devem passar pela educação e informação da população, maior controle na venda com e sem prescrição médica, melhor acesso aos serviços de saúde, adoção de critérios éticos para a promoção de medicamentos, retirada do mercado de



numerosas especialidades farmacêuticas carentes de eficácia ou de segurança e incentivo à adoção de terapêuticas não medicamentosas (NASCIMENTO, 2003).

A Organização Mundial de Saúde definiu como seu grande estímulo para a próxima década a melhoria na racionalidade do uso de medicamentos, surgindo a necessidade de fomentar avaliação desse uso e vigiar seu consumo (LAGE, 2005).

Segundo as diretrizes da Política Nacional de Medicamentos (BRASIL, 1998) deve-se dar ênfase ao processo educativo dos usuários ou consumidores acerca dos riscos da automedicação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que automedicação é extremamente comum na região metropolitana do Recife. Notou-se uma grande presença da Internet neste hábito, em que a maioria dos participantes ativamente procuram instruções sobre o uso dos medicamentos e, apesar de terem acesso virtual aos riscos e prejuízos da automedicação, ainda insistem nesta prática.

A ampliação de atividades educacionais de caráter público constitui um dos meios de alcançar o uso racional de medicamentos. O usuário deve ter acesso à informação correta, clara e relevante a respeito dos medicamentos, para evitar seu uso indiscriminado. Para isso os profissionais da saúde devem dar a devida importância a esse fragmento e atuar na educação continuada, mesmo que seja a partir de ações, em micro ambientes domésticos ou profissionais, para formar uma população consciente.

## **REFERÊNCIAS**

ARRAIS P. S. D. ; COELHO, L. H. ; BATISTA ,M. C. D. S. ; CARVALHO, N. L. ; RIGHI, R. E.; ARNAU; J. M. Perfil da automedicação no Brasil. **Rev. Saúde Pública**, 1997, v. 31 n. 1, p. 71-77.

Automedicação. **Rev .Assoc. Med. Bras.**, 2001, v. 47, n. 4, p. 269-270.



BRASIL. **Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde**, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM nº 3.916, 30 de outubro de 1998. Aprova a Política Nacional de Medicamentos. **Diário Oficial da União, Brasília**, 10 de nov 1998.

BRASS EP. Changing the status of drugs from prescription to over the counter availability. **N Engl J Med**. v.345, p.810-806, 2001.

BORTOLETTO, M. E.; BOCHNER, R. Impacto dos medicamentos nas intoxicações humanas no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 859-869, out./dez. 1999.

CASA GRANDE, E.F., et al. Estudo da utilização de medicamentos pela população universitária do município de Vassouras (RJ). **Infarma**, v.16, n.5/6, p. 86-88, 2004.

FERREIRA WA, SILVA MEST, PAULA ACCFF, Resende CAMB, Avaliação de Farmácia Caseira no Município de Divinópolis (MG) por Estudantes do Curso de Farmácia da Unifenas. **Rev. Infarma**, v.17, nº 7/9, 2005.

FILHO, A. I. de L.; UCHOA, E.; GUERRA, H. L.; FIRMO, J. O. A.; LIMA-COSTA, M. F. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do Bambuí. **Revista Saúde Pública**, v.36, n.1, p.55-62, 2002.

LAGE, E. A.; FREITAS, M. I. F.; ACURCIO, F. A. Informação sobre medicamentos na imprensa: uma contribuição para o uso racional? **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n. 10(supl.), p.133-139, 2005.

LEFÈVRE, F.A Função Simbólica Dos Medicamentos. **Rev.SaúdePública**, 1993,v.17, p. 500-503.

LESSA, M. de A.; BOCHNER, R. Análise das internações hospitalares de crianças menores de um ano relacionadas a intoxicação e efeitos adversos de medicamentos no Brasil. **Revista Bras. Epidemiol**, v.11, n.4, p.660–674, 2008.

MARIN, N. et al. **Assistência farmacêutica para gerentes municipais**. 20.ed. Rio de Janeiro: OPAS/OMS, 2003.

MUSIAL, D.; DUTRA, J.; BECKER, T.; A automedicação entre os brasileiros. **SaBios-Rev. Saúde e Biol.**, Campo Mourão, v. 2, n. 2, p. 5-8, jul./dez. 2007.

NASCIMENTO M.C. **Medicamentos: ameaça ou apoio à saúde?** Rio de Janeiro: Vieira e Lent; 2003.

PAULO, L.G.; ZANINI, A. C. Automedicação no Brasil. **Rev. Assoc. Méd. Bras.**, v.34, n.2, p. 69-75,1998.





RAYMUNDO, M.; NAPPO, S. A.; OLIVEIRA, L. G.; SANCHEZ, Z. M.; CARLINI, E. A. Triexifenidila: caracterização de seu consumo abusivo por um grupo de usuários na cidade de São Paulo. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 30, n. 6, p. 207-217, 2003.

SACHDEV, C. ; ANJANKAR, Ashish; AGRAWAL, Jayesh. Self-Medication With Antibiotics: An Element Increasing Resistance. **Cureus**, v. 14, n. 10, 2022.

SIMÕES, M.S.J.; FARACHE Fº, A. Consumo de medicamentos em região do estado de São Paulo (Brasil). **Rev.Saúde Públ.** v.32, p.43-9, 1988.

SINITOX. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Estatística anual de casos de intoxicação e envenenamento: Brasil, 1999. Rio de Janeiro: **Fundação Oswaldo Cruz/Centro de Informação Científica e Tecnológica**; 2000.

VILLA, T. C. S.; BRUNELLO, M. E. F.; ARCÊNCIO, R. A.; SASSAKI, C. M.; ASSIS, E. G.; GONZALEZ, R. I. C. Fatores preditivos aos resultados desfavoráveis no tratamento da tuberculose: revisão integrativa da literatura (2001-2005). **Online Brazilian Journal of Nursing**, Rio de Janeiro, special number, jan. 2008. Disponível em: . Acesso em: 14 julho 08.

ZAMUNER, C. P.; Prefeitura do Município de Tietê Secretaria Municipal de Saúde Vigilância Sanitária e Epidemiológica. **Cuidado com os medicamentos**. Jun. 2006. Disponível em: Acesso em: 05-10-2007.

## APÊNDICE

### APÊNDICE

#### QUESTIONÁRIO APLICADO

**Sexo:** ( ) Feminino ( ) Masculino;

**Idade:** ( ) 18-30 anos ( ) 31-60 anos ( ) >60 anos;

**1º) Você já fez automedicação?**

- a. Sim
- b. Não

**2º) Já procurou na internet sobre o medicamento e seus possíveis efeitos adversos?**



- a. Sim
- b. Não

**3°) Já pesquisou acerca dos malefícios da automedicação?**

- a. Sim
- b. Não

**4°) Além do medicamento, buscou os sintomas ?**

- a. Sim
- b. Não

**5°) Já se automedicou por influência de um amigo(a), vizinho(a) ou parente próximo?**

- a. Sim
- b. Não

**6°) Já recomendou para alguém o medicamento ?**

- a. Sim
- b. Não

**7°) Faz estoque de medicamentos em sua casa?**

- a. Sim
- b. Não

**8°) Quais medicamentos são esses?**

- a. Analgésico,
- b. Anti-inflamatório,
- c. Antibiótico
- d. Outro